# Entre o positivo e o negativo - 07/01/2017

O atual mundo conectado exige propaganda: não somente faça, mas fale que faz  
ou, quem sabe, só fale e não faça – às vezes cola. O fato é que se torna  
difícil ficar indiferente às mídias sociais. É preciso “se mostrar”, é preciso  
produzir e o ser humano é pura produção, sempre! Não poderia ser diferente  
porque há sangue correndo nas veias e impulsos elétricos nervosos em fluxo  
contínuo enquanto o corpo vive. Por mais que sejamos uma-pessoa-calada-e-  
sozinha-no-mundo somos um algo que reflete e que aparece para os outros,  
provocando reação, mesmo que indiferença[1]. Além disso, precisaríamos  
investigar o caso de termos conceituado tão fortemente a pura produção, qual a  
sua mais profunda finalidade?  
  
O “se mostrar” nas redes sociais, sejam elas audiovisuais ou só visuais,  
textuais, pessoais ou profissionais, é um se mostrar que visa uma  
positividade. Ora, temos que servir para alguma coisa, certo? A positividade  
aclamada é a chave do sucesso, a garantia de que a via positiva certamente  
levará a um desenvolvimento. Ser positivo é ser ativo e somar. Ser positivo é  
continuar. Ser positivo é produzir. Há que se verificar aonde a positividade  
se expressa e abraçar-se a ela, para que ela nos conduza na sua rota  
inesgotável. A positividade gera positividade e somando-se as positividades  
entramos em um círculo virtuoso. Podemos e até devemos seguir, não há  
problemas, mas há outro lado: a negatividade.  
  
O ser humano é pura carência e desconforto, mas tenta se enganar. Por mais  
metas que nos coloquemos sempre haverá dúvidas. A pura produção, se \_de\_ \_per  
si\_ varonil, tem a sua dialética, como, de mais a mais, tudo na natureza  
apresenta contrariedade. Há momentos de angústia e travamento, há  
inquietações, mas a positividade emerge das profundezas e nos levanta. Mas a  
positividade não ensina porque repete o que está por aí, não mostra a “outra  
face”. É nos tombos que nos machucamos e lambemos as nossas feridas. É nesse  
encontro com nós mesmos que nos humanizamos e nos sentimos seres  
psicossomáticos e quase uma-pessoa-calada-e-sozinha-no-mundo. Essa  
negatividade não é uma limitação ou um retrocesso, ela é a nossa marca. E,  
dialeticamente, dela surge outra positividade. Então, pergunto: pode “se  
mostrar” a negatividade? Podemos nos humanizar ou seremos o super-homem que  
não falha. Ah, como seria bom dizer para todo mundo: “cara, como é difícil  
encarar uma vida dedicada ao trabalho, que é prenhe e preenche, mas que nos  
domina e assola?”. Não nego o trabalho porque precisamos dos objetos que  
produzimos, embora seria bem interessante todo mundo andando nu por aí, mas,  
às vezes, desconfio da pura produção baseada na positividade.  
  
   
  
   
  
\* \* \*  
  
[1] A indiferença é uma reação passiva externa, mas muito ativa internamente  
porque fica marcada na nossa reflexão.